

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE  
SANTA CATARINA  
CENTRO DE REFERÊNCIA EM FORMAÇÃO E EaD  
PÓS-GRADUAÇÃO EM PROEJA**

**A EJA DE SKATE:  
a presença de jovens/adolescentes nas turmas da EJA**

**Silmara Luciane Miranda**

**Resumo:**

A EJA vivencia nos últimos anos um processo de rejuvenescimento, recebendo a partir de 2010 a presença de jovens adolescentes nas suas salas de aula. Estes adolescentes apresentam um trajetória escolar descontínua, se comparada ao adulto estudante da EJA. Enquanto este procurou a escola para concluir sua escolarização, pois houve impedimentos diversos quando jovem; entre os adolescentes, as razões que os trazem a EJA são outras. A escolarização na escola regular foi interrompida, por acumularem repetências, inadequação ao ambiente, distorção idade e série. Tendo essa realidade em vista, esta pesquisa teve por objetivo analisar as relações interpessoais entre professores/alunos adolescentes na EJA e se elas estimulam a permanência ou a evasão desses alunos do ambiente escolar. Foram aplicados questionários aos alunos adolescentes da EJA e suas respostas foram analisadas com base no referencial teórico escolhido. No olhar de alguns educadores, esses jovens estão descontextualizados, em uma escola que não foi pensada para atender a esta faixa etária. O não reconhecimento por parte de alguns educadores da especificidade desses sujeitos, reproduz o discurso excludente. Muitas vezes, ainda não conseguem entender o porquê de estes sujeitos estarem ali. A busca por um tratamento menos tradicional para esses alunos, justifica a realização dessa investigação. Concluiu-se que, mesmo os professores tendo um discurso de rejeição à legislação e, conseqüentemente, à presença dos adolescentes na EJA, os alunos se sentem acolhidos e respeitados em suas diferenças, tanto pelos colegas quanto pelos professores.

**Palavras chave:** Juventude, Inclusão, EJA, Cotidiano

## **INTRODUÇÃO**

Em minha experiência como professora na modalidade EJA desde 2007, tenho percebido que, nos últimos quatro anos, a presença de jovens adolescentes matriculados nas turmas de Ensino Fundamental, nessa modalidade, tem aumentado e, com isso, a dificuldade relatada por muitos educadores em trabalhar com esta faixa etária. Como modalidade de ensino, a EJA atendia, até o ano de 2010, jovens acima de 18 anos. Com a nova legislação, Resolução CNE/CEB n 3, de 15 de junho de 2010, tornou-se

inevitável a presença de adolescentes nas turmas de adultos, o que tem se tornado um problema, para alguns professores. Estereotipados por usarem objetos que pretendem reforçar sua identidade etária, como bonés, alargadores de orelhas, skates, fones de ouvido, celulares e outros objetos que se tornaram símbolos referenciados, esses alunos têm sido vistos muitas vezes como causadores de indisciplina.

Sendo assim, sob o olhar de alguns educadores, estes jovens estão descontextualizados, em uma escola que não foi pensada para atender a esta faixa etária. Como demonstra Andrade (2004, p.2), “existimos pela legitimação do olhar do outro”.

O não reconhecimento por parte de alguns educadores da especificidade desses sujeitos, reproduz o discurso excludente. Muitas vezes, ainda não conseguem entender o porquê de estes sujeitos estarem ali. De acordo com Andrade

Apesar de esses jovens terem todos os motivos compreensíveis para não voltar à escola, a ela retomam, mesmo sabendo dos limites e das dificuldades que lhes são colocados para construir uma trajetória escolar bem sucedida. (Id., 2004, p.04).

A presença destes jovens é vista muitas vezes como um problema, que se resolve excluindo-os do processo educativo, fazendo com que na EJA se reproduza o fracasso escolar já experimentado na escola regular. Neste sentido, é preciso identificar as trajetórias desses adolescentes, compreendendo sua presença no ambiente escolar. Como observa Carrano

Para além da dimensão quantitativa, expressa pela presença cada vez mais significativa desses jovens, parece haver certo ar de perplexidade e, em alguns casos, de incômodo revelado frente a sujeitos que emitem sinais pouco compreensíveis e parecem habitar mundos culturais reconhecidos por alguns professores como social e culturalmente pouco produtivos para o desafio da escolarização (Id., 2009, p.01).

Reconhecê-los como detentores de direitos, prevê olhar estes jovens sem os estigmas socialmente construídos, significa, como lembra Carrano (2009, p.03) “estabelecer uma relação compreensiva”, significa permitir “a recuperação da trajetória de seus jovens alunos e jovens alunas as portas de acesso ao sujeito poder conhecer na medida em que é reconhecido no jogo da aprendizagem escolar”.

A juvenização da EJA está associada à dramática realidade brasileira de reprovação no ensino regular, provocando uma distorção idade e série, fazendo com que

os jovens que vivenciaram situações de fracasso na escola regular, procurem a EJA para concluir sua escolarização.

Entretanto, é preciso analisar as relações interpessoais nas salas de aula da EJA, a fim de que se possa perceber se elas refletem ou não reconhecimento dos professores sobre os alunos adolescentes como sujeitos de direitos, e, ainda, se essas relações implicam na compreensão das diferentes expressões simbólicas identitárias comuns a esse grupo de alunos, motivando a presença e permanência destes jovens adolescentes na EJA.

A questão principal respondida por essa investigação é: as relações interpessoais entre professores e alunos adolescentes da EJA estimulam a permanência ou a evasão desses alunos do ambiente escolar?

Esta pesquisa pode ser caracterizada como estudo de caso exploratório e analítico, e o tratamento dado às informações coletadas numa perspectiva de análise qualitativa, pois considera a interpretação da pesquisadora, norteadas pelos referenciais teóricos apresentados. Teve como objetivo geral analisar as relações interpessoais nas salas de aula da EJA, a fim de que se possa perceber se elas refletem ou não o reconhecimento dos professores sobre os alunos adolescentes como sujeitos de direitos, e se essas relações implicam na compreensão das diferentes expressões simbólicas identitárias comuns a esse grupo de alunos, motivando a presença e permanência destes jovens adolescentes na EJA. Para isso, foi necessário historicizar as trajetórias escolares dos jovens/adolescentes nas turmas de EJA, levantar o número de estudantes adolescentes matriculados e perceber o olhar dos alunos da EJA acerca das relações que se estabelecem entre eles e seus professores.

No contexto das relações aqui descritas, essa pesquisa se justifica pela pertinência do tema e, principalmente, porque a juvenização da EJA tem se tornado objeto de observação e estudos tão recentemente.

Desde que iniciaram as matrículas dos adolescentes na EJA a partir de 2010, a escola precisou disponibilizar um espaço no refeitório para que os Skates fiquem guardados até o término da aula, aspecto singular que motivou o título deste trabalho, grande parte dos adolescentes que chegam à escola trazem seus skates, apontado aqui como um dos símbolos identitários destes jovens.

A Escola em que essa pesquisa foi realizada centraliza as atividades da Educação de Jovens e Adultos de toda a região do Planalto Serrano de Santa Catarina. Essa Unidade Escolar conta com programas específicos de Educação para Jovens e Adultos, dos quais fazem parte: Educação Carcerária, Saede, DVs( Deficientes Visuais), Brasil Alfabetizado. Portanto, apresenta um quadro que reflete uma realidade bastante significativa para a EJA no Estado de Santa Catarina.

Com essa investigação, pôde-se concluir que, embora a presença dos adolescentes frequentando as salas de aula da EJA tenha se mostrado um problema, principalmente pelo não reconhecimento das identidades juvenis, pois muitos professores comentam que estão inadequados a este ambiente escolar, na entrevista realizada com estes jovens, eles revelam que não percebem ou não se sentem discriminados por serem adolescentes, demonstraram gostar da escola, principalmente pela maneira com que são tratados tanto pelos professores, quanto pelos demais colegas de aula, informações que levantam algumas considerações essenciais, pois esses alunos se sentem mais acolhidos na EJA do que se sentiam na escola regular, onde eram estigmatizados por não estarem na série compatível com a idade que apresentavam.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Nos últimos anos, a EJA vem apresentando um processo de rejuvenescimento, “[...] devido à significativa presença de grupos etários entre 15 a 29 anos, sobre os quais a estatística aponta para percentual de 66% dos educandos (LAFFIN, 2009, p.124).

Um dos aspectos que nos permitem observar este processo está relacionado à mudança na legislação referente a EJA, a qual por meio da Resolução CNE/CEB nº 3/2010 “[...]estabelece como idade mínima para ingresso nas turmas de EJA para o Ensino Fundamental, de 15 quinze anos completos” (BRASIL, 2014, p. 43). Associada a nova legislação, as escolas públicas da rede estadual de Educação de Santa Catarina desenvolvem uma medida de correção de fluxo, segundo a qual “objetiva corrigir o fluxo idade/série em 100% dos estudantes do ensino fundamental e recuperar os saberes a fim de possibilitar o ingresso destes alunos no ensino médio em condições de aproveitamento de conteúdos” (<http://www.sed.sc.gov.br>). Observa-se que muitos estudantes são convencidos a matricularem na EJA, diante de reprovação; aspecto que tem contribuído

para a presença destes adolescentes nos espaços escolares que até então eram concebidos como para adultos.

Estes jovens/adolescentes, que chegam a EJA, apresentam características juvenis que se confrontam com a cultura adulta já estabelecida nesta modalidade de ensino, como observa Carrano.

Alguns professores (e também alunos mais idosos) parecem convencidos de que os jovens alunos da EJA vieram para perturbar e desestabilizar a ordem “supletiva” escolar. Outros, demonstram sua vontade em aprofundar processos de interação mas reconhecem seus limites para despertar o interesse desses que, sob certos aspectos, se apresentam como “alienígenas em sala de aula (CARRANO, 2007, p.1)

Os jovens/adolescentes que frequentam a EJA apresentam elementos culturais e trajetórias de vida que precisam ser analisados, reconhecendo-os como portadores de direitos dentre os quais o de estudar e concluir sua escolarização. Como lembra Monteiro (2009) sobre o conceito de juventude historicamente construído, observa que

[...] histórica e socialmente, a juventude vem sendo unanimemente compreendida como uma fase de vida que é construída social e culturalmente e, portanto, modifica-se conforme o contexto histórico, social, econômico e cultural. Dada a sua condição plural e diversificada, não se trata de termos uma juventude, mas juventudes (MONTEIRO, 2009, p. 124).

Entre os educadores da EJA, diferentes opiniões são apresentadas sobre este processo de rejuvenescimento, como observa Mello (2009)

A posição de muitos educadores e gestores frente ao fenômeno de juvenização, preocupados com a não descaracterização da identidade que a educação de jovens e adultos veio forjando ao longo das últimas décadas, tem oscilado entre a permissividade e uma franca recusa ao ingresso de adolescentes nesta modalidade de ensino (MELLO 2009, p. 03).

Ainda de acordo com Mello (2009), os argumentos contrários procuram pensar formas alternativas, que não a EJA, para esse perfil de alunos (...), e ainda há aqueles que entendem, segundo Mello (2009)

[...] que, embora seja preciso frear o crescente e sem critérios deslocamento de alunos matriculados no ensino fundamental para a EJA, é um processo irreversível e que não se trata de devolvê-los para o ensino regular, mas estabelecer critérios mais rígidos para o ingresso

e acompanhamento, readequar a proposta curricular a esse perfil de aluno e induzir o Estado a ofertar políticas públicas inclusivas para a juventude, sobretudo a empobrecida que vive nas grandes metrópoles (MELLO, 2009, p. 3).

Como se observa, as diferentes opiniões permeiam os diálogos entre os educadores da EJA, sendo necessário buscar dentro do espaço escolar os meios para trabalhar com estes sujeitos, sem excluí-los do processo de aprendizagem, garantindo que possam, matricular-se, frequentar e permanecer na escola.

Ao trabalhar com a categoria juventude, é preciso compreender quem são estes sujeitos, pois não estamos nos referindo a um jovem específico, mas aos jovens que estão presentes na EJA. Uma possibilidade de análise da constituição desses sujeitos é proposta por Monteiro (2009), a qual lembra que

[...] ao se falar de sujeito tratamos de um ser Humano, aberto a um mundo, portador de desejos, movido por esses desejos, em relação com outros seres humanos (também sujeitos); um ser social que nasce e cresce em uma família ( ou em um substituto de família), que ocupa uma posição em um espaço social, que está inscrito em relações sociais e ainda um ser singular, exemplar único da espécie humana, que tem uma história, e que interpreta o mundo, dá um sentido a esse mundo, à posição que ocupa nele, às relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade [...] (MONTEIRO, 2009, p. 122/123).

O número de jovens/adolescentes matriculados na EJA faz com que muitas vezes os professores se esqueçam das suas singularidades, desconsiderando a compreensão das culturas juvenis, desejando muitas vezes o aluno ideal, como demonstra Carrano (2007)

A escola espera aluno e o que chega são sujeitos com múltiplas trajetórias e experiências de vivência do mundo. São jovens que, em sua maioria, estão aprisionados no espaço e no tempo, presos em seus bairros e incapacitados para produzirem projetos de futuro. Sujeitos que, por diferentes razões, têm pouca experiência de circulação pela cidade e se beneficiam pouco ou quase nada das poucas atividades e redes culturais públicas ofertadas em espaços centrais e mercantilizados das cidades. Jovens que vivem em bairros violentados, onde a violência é a chave organizadora da experiência pública e da resolução de conflitos (CARRANO, 2007, p. 10).

Os termos juventude e adolescência requerem uma compreensão. De acordo com Freitas (2005)

A definição de juventude pode ser desenvolvida por uma série de pontos de partida: como uma faixa etária, um período da vida, um contingente populacional, uma categoria social, uma geração(...) Mas todas essas

definições se vinculam, de algum modo, à dimensão de fase do ciclo vital entre a infância e a maturidade (FREITAS, 2005, p. 6).

Ainda segundo Freitas (2005), a adolescência caracterizada por uma idade especificamente é reconhecida no Brasil somente a partir da implantação do Estatuto da Criança e Adolescente. Com o ECA, avança profundamente a compreensão sobre as crianças e adolescentes como sujeitos de direitos, e estabelece os direitos singulares da adolescência, compreendida como a faixa etária que vai dos 12 aos 18 anos de idade.

Na escola em que essa pesquisa se realizou, a presença dos adolescentes tem provocado um caloroso debate tanto na sala de professores, de forma informal e muitas vezes superficial, como nas reuniões de planejamento, onde estes estudantes aparecem como um problema para os professores, dada a dificuldade em avaliar as metodologias e compreender as expressões culturais juvenis, contribuem para que os jovens abandonem a escola mais uma vez. Garantir a permanência destes estudantes na escola, oferecendo um ensino realmente com significado para suas vidas, é hoje um dos grandes desafios da EJA.

Como demonstra Silva (2009), ao analisar as causas da evasão escolar na EJA entre os adolescentes, observa que a Escola

Por não se abrir ao mundo dos jovens, a cultura escolar encapsulada afasta esses importantes sujeitos, pois mesmo àqueles aos quais já se garantiu o acesso ainda falta assegurar a permanência. É considerável a quantidade de jovens que abandonam a escola por diversos motivos, dentre eles a inadequação das concepções, das práticas e das relações quando às suas vivências sócio histórico- culturais (SILVA, 2009, p. 46).

O que se observa ao trabalhar com as categorias juventude e adolescência, além da definição da faixa etária, é a compreensão das singularidades e pluralidades de cada jovem ou adolescente, ou seja, é preciso considerar estes sujeitos observando elementos que os identifica. De acordo com Mello (2009, p. 3), “o lugar de classe, o pertencimento étnico, a questão de gênero, a orientação sexual, a adesão associativa, a crença religiosa, as preferências estéticas, musicais, etc., precisam ser reconhecidos como elementos identitários destes sujeitos.”

Ainda, segundo Mello (2009, p. 3), “hoje é preciso reconhecer tratar-se de juventudes, no plural, com características distintas e próprias, ainda que alguns traços comuns estejam presentes.”

Na mesma linha, para Silva (2009), ser jovem é um conceito transitório, não se é jovem, se está jovem, “pertencer à determinada faixa etária representa para cada indivíduo uma condição provisória. Mais apropriadamente, os indivíduos não pertencem a grupos etários, eles os atravessam” (SILVA, 2009, p. 52).

A juventude é marcada por Moratórias, tempo permitido e tolerado pela sociedade para que os jovens possam viver esta fase da vida este conceito, empregado por Margulis (citado por Monteiro (2009), estabelece a definição de Moratória Social que, segundo Monteiro (2009, p126), estabelece a definição de Moratória Social que é percebido principalmente entre os jovens das classes médias e da elite. Ainda, segundo Monteiro (2009)

“Estudos sociológicos têm mostrado que a juventude depende de dinheiro e de tempo – de uma moratória social para a isenção de responsabilidades. Esse tempo legítimo proporcionado pela família é aquele dedicado a estudar e a se capacitar e durante o qual a sociedade os brinda com uma especial tolerância. É um período de permissividade e legitimidade. Enquanto os jovens das classes populares não vivenciam esta moratória social, esse “tempo livre” se constitui em frustrações, infelicidade, impotência, culpabilização, sofrimento e mais pobreza” (MONTEIRO, 2009, p. 126).

É preciso perceber que além dos discursos que os sujeitos têm de si, sua identificação etária, há os discursos produzidos pela sociedade, portanto, a juventude é uma categoria importante de ser pesquisa, principalmente para que se possa demonstrar estes múltiplos olhares produzidos socialmente sobre os jovens, bem como as construções das identidades juvenis presentes nos espaços escolares.

Perceber as manifestações culturais destes sujeitos jovens e adolescentes, suas trajetórias escolares, seu repertório e percepção que constroem da escola, bem como as metodologias utilizadas e a relação estabelecida entre os adultos professores e colegas de sala de aula, se faz necessário para que possamos garantir espaços escolares acolhedores e significativos também para os jovens. Contudo, é necessário observar o estranhamento de alguns professores com a presença destes jovens e adolescentes em sala de aula, os discursos elaborados por educadores em relação aos jovens, seus comportamentos, seu repertório demonstra uma dificuldade em conviverem no espaço escolar com estes sujeitos. Para Silva (2009, p 42), os professores em geral produzem discursos procurando encontrar os culpados pelos problemas existentes no espaço escolar.



Ainda de acordo com Silva (2009, p. 42), se escoram e começam a localizar o grau de culpabilidade do educando, da família, do governo, dos meios de comunicação, do colega de trabalho, da diretoria do sindicato, das direções dos partidos políticos, das lideranças comunitárias, das lideranças religiosas, da sociedade.

Segundo o mesmo autor (2009, p. 42), ao agirem desta forma negam-se a dividir responsabilidades quando optam por culpabilizar. Escolher esta via de encontrar culpados pelos problemas presentes no ambiente escolar não permite que se possa avançar no debate, por que em geral não se problematizam as metodologias desenvolvidas, tentando achar o problema fora de onde ele possa estar sendo gerado, que são as abordagens e as relações estabelecidas na vivência escolar com jovens e adolescentes, que precisam ser revistas para que possam garantir uma escola de jovens e adultos que acolha e promova estes sujeitos.

Nestes sentido esta pesquisa pretende não só caracterizar estes jovens, mas também analisar suas trajetórias, e suas manifestações juvenis no espaço escolar, procurando observar as metodologias utilizadas na EJA que possibilite a conclusão de sua escolarização. Pois, em um espaço escolar, não se pode trabalhar com a idealização, sejam elas transparecidas no saudosismo ao recordar quando a EJA era uma modalidade exclusivamente de jovens e adultos, ou ainda, tentando pensar possibilidades de não ingresso dos adolescentes nesta modalidade de ensino. A realidade que se apresenta é a presença de meninos e meninas a partir de quinze anos de idade, portanto, é com estes sujeitos reais que os educadores da EJA convivem cotidianamente, sendo necessário que se comprometam a garantir que sejam acolhidos e compreendidos como sujeitos de direitos.

## **DELIMITAÇÕES METODOLÓGICA**

Para a coleta de dados desta pesquisa foi aplicado um questionário junto aos adolescentes que frequentam as aulas da EJA, do 6º ano do Ensino Fundamental, dos turnos diurno e noturno, num total de seis estudantes, de um universo de 1061 alunos matriculados na EJA 50% são adolescentes.

As informações foram levantadas por meio da aplicação de um questionário aos alunos adolescentes, sujeitos dessa pesquisa, composto por 06 questões, as quais

buscaram evidenciar as relações interpessoais nas salas de aula da EJA, historicizar as trajetórias escolares dos jovens/adolescentes nas turmas de EJA, levantar o número de estudantes adolescentes matriculados e perceber o olhar desses alunos acerca das relações que se estabelecem entre eles e seus professores.

Essas informações foram elencadas em categorias para realização de análises conjuntas, tendo como referencial a análise do discurso, procurando identificar a trajetória escolar destes adolescentes, quantas vezes reprovaram, porque no seu ponto de vista reprovaram, quais são suas perspectivas, como se sentem frequentando as aulas na modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

## **DISCUSSÃO DE RESULTADOS**

Esta entrevista foi realizada com estudantes 6º ano, do Ensino Fundamental, da modalidade EJA. São jovens na faixa etária entre 14 e 17 anos. No momento da entrevista, alguns participavam das aulas de Artes e Língua Portuguesa.

A seguir, estão apresentadas as questões e as análises das respectivas respostas dadas pelos alunos sujeitos dessa pesquisa:

### **1) Qual é o nível de escolarização de seus pais?**

Todos os entrevistados apresentam um histórico familiar de não escolarização de seus pais, que não concluíram os estudos. Essa informação permite inferir que a pouca ou nenhuma escolarização dos pais influencia diretamente nas trajetórias descontínuas dos estudantes. Nesses casos, os pais deixam de ser uma referência de êxito via escolarização, limitando as possibilidades de vislumbrar a escolarização como uma possibilidade de transformação de suas realidades. Nesses casos, as trajetórias de vida escolar desses alunos ficam marcada pela ausência de motivação, autoestima baixa, não reconhecimento do processo de escolarização como algo importante e transformador.

### **2) Antes de estudar na EJA, qual (quais) escola (as) você estudou?**

Com essa questão pôde-se perceber que os alunos demonstraram que antes da EJA passaram por várias Escolas, um histórico de “fracasso” escolar, não adequação.

Essa realidade se confirma entre os entrevistados, pois informaram que já frequentaram mais de uma escola antes de ingressarem na EJA. O número maior de meninos adolescentes na EJA aponta para um aspecto bastante pertinente da escola regular, a disciplina em sala de aula. Fica evidente nas repostas dadas que a “indisciplina” vem sendo usada como principal critério avaliativo, pois, grande parte dos meninos frequentadores da EJA informam que sofreram inúmeras reprovações por questões comportamentais e que têm consciência dessas medidas tomadas pela Escola no ensino regular. Há relatos, entre os adolescentes entrevistados, de terem sido expulsos de algumas escolas, por não se comportarem dentro das normas e regras “impostas” pelas escolas.

### **3) Você veio estudar na EJA por sua própria vontade?**

Todos responderam que sim. Essas repostas contribuíram para que se atentasse para que, estes jovens frequentadores da EJA não fazem parte da estatística dos “nem nem”, que são os jovens que nem estudam e nem trabalham, apontados como cerca de 10 milhões de jovens brasileiros, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio de 2012, “os chamados de “nem-nem”, representavam 19,6%. Isso significa 9,6 milhões de jovens, de uma população estimada para o período de 48, 8 milhões de jovens, na faixa etária de 15 a 29 anos.” (Jornal o Estadão, 13/01/2015).

Este aspecto precisa ser reconhecido e valorizado, pois esses alunos estão frequentando a Escola, quando poderiam estar fazendo qualquer outra coisa. Sendo assim, a escola precisa considerar a presença destes estudantes no ambiente escolar como uma atitude positiva, reconhecendo o direito de estarem e, talvez como única oportunidade ou possibilidade de construírem novas trajetórias em suas vidas.

### **4) Você se sente incluído na sala de aula? Por que?**

Todos responderam que sim e apontaram os seguintes motivos para as considerações:

“Pois todos estão na escola com o mesmo objetivo.”

“Todos participam.”

“Todos estão pela mesma causa.”

“Sim, por que tem bastante gente para conversar.”

“Sim, por que todos passaram por situação parecida.”

“Sim, por que é bom ser tratado como adulto.”

A percepção da sala de aula da EJA, por estes estudantes, demonstra que o respeito com que são tratados pelos colegas faz com que se sintam acolhidos pelos adultos, pois são tratados de maneira compatível com a idade biológica e vivenciam a distorção idade série. Esses alunos retratam os conflitos mais comuns da adolescência, não querendo se sentir crianças, mas ainda não são adultos e encontram algumas soluções para esses conflitos em uma escola de jovens e adultos.

#### **5) Você se sente à vontade em uma sala de aula juntamente com pessoas adultas?**

Todos responderam que sim, que se sentem acolhidos. Afirmam que:

“É melhor estudar entre adultos.”

“Se sentem respeitados.”

“É mais divertido e interessante, por eles saberem coisas que nós não sabemos.”

“A idade física não altera a idade mental, aqui somos todos iguais.”

Como a adolescência é uma fase transitória e, em geral os jovens desejam ser tratados como adultos, pois para eles isso demonstra respeito, em relação a serem tratados como crianças, que seria uma regressão em seu desenvolvimento, demonstram satisfação em estarem perto de adultos e serem tratados como tal.

#### **6) Sobre a pergunta “quais foram as razões que te fizeram vir estudar na EJA?”, os alunos entrevistados responderam:**

1º - “Terminar os estudos.”

2º - “Conseguir trabalho.”

3ª - “Para terminar mais rápido os estudos.”

Conforme já fora comentado anteriormente, esses jovens não fazem parte das estatísticas dos “nem nem”, estão na escola por que têm seus projetos de vida, querem obter êxito, pois já perceberam que sem escolarização será muito mais difícil conseguir ingressar no mundo de trabalho.

Essas são algumas razões que devem ser consideradas ao avaliar a presença destes adolescentes na EJA. Embora o discurso elaborado por alguns professores demonstre suas insatisfações quanto à presença dos adolescentes nas turmas de EJA, quando se dizem mais acostumados a trabalhar com adultos, o que se percebe é uma “resistência à presença desses alunos”, o que não transparece nas práticas pedagógicas, ou seja, nas relações desses professores com os alunos adolescentes. O incômodo que a presença dos jovens adolescentes nas salas de aula da EJA, com seus símbolos juvenis (bonés, fones de ouvido, skates, celulares), causam aos professores não interferem negativamente nas relações interpessoais professores e alunos ou não é percebida pelos alunos. Talvez as situações de vulnerabilidade social e de hostilidade que vivenciam no seu cotidiano supera a suposta hostilidade vivenciada em sala de aula.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente pesquisa visou a analisar a presença de adolescentes a partir de 15 anos matriculados na EJA, demonstrando suas trajetórias escolares descontínuas, seu comportamento e símbolos identitários, que se contrapõem aos adultos presentes no ambiente escolar, analisando as percepções desses alunos acerca do ambiente escolar na EJA.

A juventude e adolescência tem se mostrado um tema importante de estudo para as Ciências Sociais, a partir do Estatuto da Criança e Adolescente, passaram a ter visibilidade social, e a adolescência ficou compreendida como a faixa etária que vai dos 12 aos 18 anos de idade, contudo, a legislação educacional autorizou a partir de 2010, através da Resolução CNE/CEB n 3, a matrícula de adolescentes na modalidade EJA.

Embora se compreenda que a EJA tenha especificidades que são próprias dessa modalidade de ensino, dentre elas as trajetórias estudantis descontínuas, adultos que precisaram interromper sua escolarização por não conseguirem conciliar escola e trabalho, pela ausência ou dificuldade de acesso à escola, adultos que quando jovens

vivenciaram fracasso escolar e que hoje precisam ingressar ou manter-se no mercado de trabalho, dentre muitas outras, a EJA passou a contar, recentemente, com mais uma especificidade: a presença de adolescentes a partir de 15 anos, matriculados para conclusão do Ensino Fundamental, o que contribui para confirmar que a EJA se constitui como um espaço de múltiplos sujeitos e inúmeras singularidades.

Com a legalização da matrícula de estudantes na EJA a partir de 15 anos de idade, muitos adolescentes, com o apoio familiar, optaram por concluir seus estudos na EJA por entenderem que assim conseguem concluir mais cedo o Ensino Fundamental, além de se sentirem mais adequados na sala de aula da EJA do que na sala de aula da escola regular, pois, em geral eram os alunos mais velhos nas turmas de 6º e 7º anos, do ensino regular, o que para eles era algo constrangedor.

Entretanto, sob o ponto de vista de muitos professores, embora não concordem com a imposição legal da idade mínima para o ingresso desses alunos adolescentes na EJA, e até elaborem discursos contrários a presença deles nas turmas de adultos, essa discordância com a legislação não interfere negativa nas relações didático-pedagógicas, nas práxis pedagógicas ou na interação dos professores com esses alunos. Esse, pode e deve ser considerado um aspecto positivo relacionado à formação dos professores que atuam na EJA, na escola investigada.

Os adolescentes entrevistados se dizem acolhidos, inseridos no ambiente da sala de aula, o que pode ser compreensível se observarmos as trajetórias de fracasso escolar, por eles vivenciadas, onde muitas vezes a hostilidade com que eram tratados na escola regular, por serem os alunos mais velhos em turmas de estudantes mais novos, era superior ao grau de hostilidade que possam estar vivenciando na EJA.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Eliane Ribeiro **Os jovens da EJA e a EJA dos Jovens**. Cadernos da EJA. Contagem – MG, Secretaria Municipal de Educação, 2004.

CARRANO, Paulo: **Educação de Jovens e Adultos e Juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da “segunda chance”**. Revej@ UFMG, on line, 2007.

Brasil CNE/CEB nº 3, de 15 de junho de 2010

FREITAS, Maria Virgínia de (org): **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. Disponível em [http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/caderno\\_juventude\\_e\\_adolescencia\\_no\\_brasil\\_0.pdf](http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/caderno_juventude_e_adolescencia_no_brasil_0.pdf)

LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes :**Educação de jovens e adultos na diversidade**: livro1. Florianópolis: UFSC/CED/LANCETEC,2009.

MELLO, Marco: **Culturas e Identidades Juvenis: na EJA, De quem é mesmo o bagulho?** *websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/emilio/.../artigo-marco-2009.pdf*

MONTEIRO, Vânia Beatriz in Laffin, Maria Hermínia Lage Fernandes. **Educação de Jovens e Adultos na diversidade**. Livro 1. Florianópolis UFSC/CED/LANCETE, 2009.